

A representação social sobre os surdos: um estudo sociocognitivista do discurso / *The Social Representation of the Deaf: A Sociocognitive Study of Discourse*

*Tayana Dias de Menezes**

RESUMO

O objetivo principal do artigo é precisar e analisar as categorias que (re)constroem a representação social (RS) sobre o surdo dentro do discurso do próprio grupo social. Encaramos a RS enquanto um amálgama de diversos conhecimentos que orientam e possibilitam a interação sujeito-sujeito, sujeito-objeto e sujeito-mundo. O discurso intermedeia a relação entre a cognição dos sujeitos e a sociedade. Defendemos a importância desta pesquisa porque, cotidianamente, muitas práticas discriminatórias envolvem o grupo e são naturalizadas, em parte, por falta de conhecimento sobre o surdo e assuntos circunvizinhos. Em um campo de conhecimento incipiente, propomo-nos a desbravar as marcas linguísticas discursivas que estão em torno de práticas socialmente preconceituosas naturalizadas numa sociedade majoritariamente ouvinte. Por meio de entrevistas semiestruturadas, concluímos que os surdos recorrem a três estratégias discursivas principais para (re)construir uma RS positiva sobre o endogrupo ao mesmo tempo desconstruindo a RS negativa (re)construída pelo exogrupo.

PALAVRAS-CHAVE: Representação Social; Discurso; Surdos

ABSTRACT

The main objective of this article is to specify and analyze the categories that (re)construct the social representation (SR) of the deaf within the discourse of the social group itself. We view SR as an amalgam of several skills that guide and enable the subject-subject, subject-object and subject-world interactions. The discourse intermediates the relationship between the subject's cognition and the society. We defend the importance of this research because, on a daily basis, many discriminatory practices involve the group and are naturalized, in part, due to lack of knowledge about the deaf and associated issues. In an incipient knowledge field, we are proposing to explore the discursive language marks which spin around socially prejudiced practices naturalized in a mostly hearing society. Through semi-structured interviews, we concluded that deaf people resort to three main discursive strategies to re(construct) a positive SR about the ingroup while at the same time deconstructing a negative SR (re)built by the outgroup.

KEYWORDS: Social Representation; Discourse; Deaf

* Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Departamento de Letras, Recife, Pernambuco, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-9338-8395>; tayana.menezes@ufpe.br

Introdução

Atualmente, é possível constatar um interesse crescente no que diz respeito aos estudos que envolvem as práticas sociais e discursivas relacionadas aos grupos sociais minoritários, como os estudos que envolvem o discurso racista, os estudos que envolvem os discursos homofóbicos etc. No entanto, pouco encontramos estudos que fazem referências aos discursos preconceituosos sobre o grupo dos surdos, sobre o universo da surdez e sobre a língua brasileira de sinais (Libras) – a primeira língua do grupo em questão. Este trabalho justifica-se porque, cotidianamente, muitas práticas discriminatórias envolvem o grupo e são naturalizadas, em parte, por falta de conhecimento sobre o universo da surdez. Em um campo de conhecimento incipiente, propomo-nos a desbravar as marcas linguísticas discursivas, focamos nos pressupostos e nas escolhas lexicais que estão em torno de práticas socialmente preconceituosas naturalizadas numa sociedade majoritariamente ouvinte.

O objetivo primeiro do artigo é precisar e analisar as categorias que (re)constróem a representação social (RS) sobre o surdo dentro do discurso do próprio grupo social. Encaramos a RS como um fenômeno de dupla natureza: social e cognitivo. Ela é um conjunto de conhecimentos socialmente compartilhados; experiências individuais etc. que orientam os sujeitos a se posicionarem e agirem no mundo. Além disso, a RS é um fenômeno que emerge na interação entre sujeito-sujeito, sujeito-objeto e sujeito-mundo ao mesmo tempo que torna a interação possível. O discurso, por sua vez, intermedeia a relação entre a cognição e a sociedade. Isto é, o discurso é o lugar privilegiado para analisar os conjuntos de conhecimentos (re)construídos socialmente.

Para alcançar os objetivos do artigo, realizamos entrevistas semiestruturadas com todos os professores surdos de uma instituição federal do curso de Letras-Libras, totalizando cinco entrevistas. Todas as entrevistas foram realizadas em Libras, sem a mediação de um intérprete, ou seja, elas foram realizadas diretamente com o pesquisador e, posteriormente, transcritas para o português pelo próprio pesquisador.

Assim, esta pesquisa tem caráter descritivo e interpretativo. As perguntas que formaram o *corpus* de análise foram:

- 1) Fale-me sobre a sua vida. Até o momento, quais vitórias alcançadas e quais as barreiras vencidas?
- 2) Você acha que outras gerações de surdos e ouvintes contribuíram para algumas vitórias suas?

Antes de analisar os discursos, faremos uma breve discussão sobre os conceitos basilares que sustentam o artigo; sobre o fenômeno da Representação Social, sob a perspectiva da Teoria da Representação Social (TRS), especialmente em Jovchelovitch (2004; 2013a; 2013b; 2014; 2020), e sobre a Análise Sociocognitivista do Discurso, especialmente em Van Dijk (2008; 2015).

1 Fundamentação teórica: a Representação Social aos olhos de Jovchelovitch

A Teoria das Representações Sociais (TRS) foi fundada por Serge Moscovici e teve como marco introdutório o seu estudo seminal *La psychanalyse, son, image et son public* (1976). Desde então, a TRS tem angariado seguidores e conta com diferentes abordagens, mas não díspares, a saber: a abordagem cultural, a abordagem societal, a abordagem estrutural e a abordagem dialógica. Elas enxergam um mesmo fenômeno, a (re)construção da Representação Social (RS) sob diversas facetas, produzindo, portanto, um objeto de estudo complexo e interdisciplinar.

Neste artigo, discutiremos os conceitos basilares da TRS principalmente através dos estudos de Sandra Jovchelovitch (2004; 2013a; 2013b; 2014; 2020). Conforme a psicóloga social, a representação:

[...] é uma estrutura de mediação entre sujeito-outro, sujeito-objeto. Ela se constitui enquanto trabalho, ou seja, a representação se estrutura através de um trabalho de ação comunicativa que liga sujeitos a outros sujeitos e ao objeto-mundo. Neste sentido pode-se dizer que a representação está imersa na ação comunicativa: é a ação comunicativa que a forma, ao mesmo tempo que forma em um mesmo e único processo, os participantes da ação comunicativa (Jovchelovitch, 2004, p. 22).

Em outras palavras, a RS está intrinsecamente relacionada ao trabalho interacional, mediado pelo discurso, entre os sujeitos sociais e entre os sujeitos e o mundo. Ela é uma estratégia, sustentada por símbolos, desenvolvida por sujeitos sociais para (re)criar a realidade social – que se encontra em constante mudança dentro de um mundo que pertence ao Eu e ao Outro – mediada pela interação (trabalho da palavra e do discurso), pelas práticas sociais e culturais (Jovchelovitch, 2013a). Desta maneira, elas emergem mediadas pela interação, mas também são responsáveis pela mediação social, isto porque elas ocupam um espaço comum na fabricação de sentido que sustenta as diversas realidades que transforma o indivíduo em um sujeito social inserido numa rede simbólica de saberes, “os processos que engendram representações sociais estão embebidos na comunicação e nas práticas sociais: diálogo, discurso, rituais, padrões de trabalho e produção [...]” (Jovchelovitch, 2013a, p. 67).

Jovchelovitch (2014 p. 226) acrescenta à definição da RS como um “ponto móvel dentro de um sistema de transformações que compreende um jogo representacional derivado de relações intergrupais e interinstitucionais na esfera pública”. Ou seja, a psicóloga social encara a RS como um elemento dinâmico intrínseco ao jogo representacional, também de natureza dinâmica, porque emana de relações entre sujeitos situados histórica e socialmente. Isso significa afirmar que a RS é atravessada, portanto, por relações de poder, ideologia, valores, crenças etc.

Para Jovchelovitch (2013a), estamos, enquanto sujeitos sociais que circulam no espaço público, “atravessados pela força impressionante da palavra” (p. 54); além disso o desenvolvimento do Eu depende da alteridade. O esforço conjunto do Eu e do Outro, mediado pela interação na esfera pública para a (re)criação e compreensão da realidade circundante só é possível por meio da (re)construção de RSs; o “Símbolo, o Eu e a alteridade” são “elementos constitutivos um do outro” (Jovchelovitch, 2013a, p. 61).

[...] é através de sua atividade e relação com outros que as representações têm origem, permitindo uma mediação entre o sujeito e o mundo que ele ao mesmo tempo descobre e constrói. De outro lado, as representações permitem a existência de símbolos – pedaços de realidade social mobilizados pela atividade criadora de sujeitos sociais para dar sentido e forma às circunstâncias nas quais eles se encontram. [...] não há possibilidade para a construção simbólica fora de uma rede de significados já construídos. É sobre e dentro dessa rede que se dão os trabalhos de sujeitos de re-criar o que já está lá. O sujeito psíquico,

Bakhtiniana, São Paulo, 20 (2): e67854p, abril/jun. 2025

portanto, não está nem abstraído da realidade social nem meramente condenado a reproduzi-la. Sua tarefa é elaborar a permanente tensão entre um mundo que já se encontra constituído e seus próprios esforços para ser um sujeito (Jovchelovitch, 2013a, p. 66).

Podemos, portanto, concluir que a RS tanto emerge da relação Eu/ Outro como torna essa relação possível dentro de uma rede simbólica já constituída, mas passível de mudanças; ela também sustenta a relação entre os sujeitos sociais, os objetos e o mundo. A RS resulta do esforço entre os sujeitos de controlar e compreender uma realidade em constante mudança. Os sujeitos (re)criam e compartilham os saberes sociais que constituem a realidade simbólica do mundo, ao mesmo tempo que são constituídos como sujeitos por meio de representações numa relação dialética entre o Eu e a alteridade. Uma vez que são estruturas simbólicas (re)construídas por diferentes grupos sociais, e estas conferem concretude ao social, as representações “não são inocentes, elas também atravessam espaços de poder” (Jovchelovitch, 2014, p. 232).

Neste artigo, portanto, encaramos a RS como uma estrutura simbólica responsável pela (re)construção de objetos e da realidade circundante; ela emerge das relações sujeito-sujeito, sujeito-objeto, sujeito-mundo por meio das interações sociais, mediada pelo discurso e das práticas sociais. Ela, ao mesmo tempo que constitui a realidade e os sujeitos – e são por esses constituída –, os auxilia a compreender a realidade e agir socialmente. Desta forma, é uma estrutura de dupla natureza: social e cognitiva, atravessada por diferentes relações de poder; por interesses dos diferentes grupos sociais; por sistemas de valores e crenças que subjazem aos diferentes contextos.

1.2 Análise Sociocognitivista do Discurso

Uma vez que consideramos a RS uma estrutura cognitiva e social, (re)construída por meio da interação entre sujeitos-sujeitos e sujeitos-mundo, encaramos a língua como ação e um sistema não autônomo e simbólico – um dos pilares constituintes do conhecimento –, atravessado por elementos extralinguísticos, como: poder; ideologia; valores e crenças. Nosso objetivo é analisar o discurso, a língua em ação, para entender quais os elementos ancoram a RS sobre o surdo.

Para Teun Adrianus Van Dijk (2008, p. 135), o discurso é um “evento comunicativo específico, em geral, uma forma oral ou escrita de interação verbal ou uso da língua”; além disso, ele não deve ser analisado apenas “como um objeto ‘verbal’ autônomo, mas também como uma interação situada, como uma prática social ou como um tipo de comunicação numa situação social, cultural, histórica ou política” (Van Dijk, 2008, p. 12). O discurso é, portanto, atravessado por elementos da macroestrutura social, como poder; crenças; ideologia etc, mas organizado e materializado por elementos linguísticos. Esses dois níveis estão interrelacionados.

No entanto, Van Dijk (2015) defende que a estrutura do discurso e a estrutura social são de naturezas diferentes. Embora estejam relacionadas, esta relação não pode ser direta. Por isso, o linguista defende uma “abordagem triangular, relacionando discurso e sociedade através de uma interface cognitiva” (Van Dijk, 2015, p. 38). Em outras palavras, a relação entre discurso e sociedade é mediada pela cognição. As estruturas sociais só podem afetar o discurso e vice-versa se afetarem a mente dos sujeitos. Van Dijk (2015) entende a cognição social enquanto representações mentais socialmente compartilhadas que controlam a produção e a interpretação do discurso. As representações, por sua vez, são compreendidas enquanto modelos mentais subjetivos de eventos ou de situações. Aqui, apontamos uma diferença teórica na forma de encarar as representações: enquanto Van Dijk (2015) encara as representações como modelos mentais organizadas enquanto *scripts*, encaramos a representação como sendo ela mesma uma estrutura social e cognitiva responsável por guiar os sujeitos em suas práticas sociais e discursivas e em interações entre pares (membros do mesmo grupo social; endogrupo) e não pares (membros de outros grupos sociais; exogrupo).

Em outras palavras, nos distanciamos de Van Dijk no que diz respeito ao interesse de estudo em relação à cognição social. Enquanto o linguista estuda a cognição através dos modelos mentais, neste artigo analisamos a cognição social (re)construída por meio de RSs. No entanto, comungamos do seu posicionamento sobre a relação entre o discurso, a sociedade e a cognição.

Van Dijk (2015, p. 23) parte dos seguintes pressupostos para defender que a cognição atua como interface entre o discurso e a sociedade:

(1) O discurso é realmente produzido/interpretado por indivíduos, mas eles são capazes de fazê-lo apenas com base em conhecimentos e crenças socialmente partilhados; (2) o discurso só pode ‘afetar’ as estruturas sociais através das mentes sociais dos participantes do discurso; e reciprocamente; (3) as estruturas sociais só podem ‘afetar’ as estruturas de discursos através da cognição social.

Isto é, os sujeitos, para produzirem e interpretarem discursos, ativam conhecimentos e crenças, isto é, representações sociais. São as RSs, estruturas sociais e cognitivas, que guiam os sujeitos a se posicionarem e agirem social e discursivamente. A relação entre discurso e sociedade é mediada pela cognição social, ou seja, por meio das RSs, (re)construídas no mapa cognitivo dos atores sociais, e esses ativam diferentes tipos de conhecimento, atravessados pelos macroelementos sociais, para agirem, produzirem e interpretarem os discursos.

2 Metodologia

A pesquisa foi descritiva e interpretativa e a Análise Sociocognitiva do Discurso, (Van Dijk, 2008; 2015), norteou a análise dos discursos que tratam sobre a trajetória do surdo; sobre a surdez e sobre assuntos circunvizinhos. Além disso, usamos a TRS, proposta por Moscovici [no artigo, baseamo-nos especialmente em Jovchelovitch (2004; 2013a; 2013b; 2014; 2020)], porque ela fornece um modelo de análise capaz de destrinchar as complexas relações entre linguagem, cognição e sujeito. Teremos acesso à RS, uma estrutura cognitiva, por meio do discurso, uma vez que as práticas discursivas afetam e são afetadas pelas representações que os sujeitos (re)elaboram sobre a realidade social: “[...] todas as ligações entre discurso e sociedade são mediadas pela cognição social” (Van Dijk, 2015, p. 26).

Para a pesquisa, entrevistamos professores surdos de uma instituição federal do curso de Letras-Libras; isso significa que são surdos que têm acesso às pautas urgentes levantadas pelo endogrupo. Foram entrevistados um total de cinco professores (o total de professores surdos da instituição do curso onde fizemos a pesquisa de campo). Dentro das cinco entrevistas, selecionamos duas como amostra para o presente artigo. O critério de escolha foi: 1) surdos que se posicionam em relação a diferentes esferas sociais de atuação. Na primeira entrevista, o participante refere-se à agência dos surdos em esferas

do cotidiano, supermercado, lojas etc.; em contrapartida, o segundo participante posiciona o seu discurso especificamente na esfera acadêmica. Embora o primeiro participante fale sobre a formação superior, os entrevistados acionam, nos discursos, ambientes de agência diferentes.

Inicialmente, gravamos a entrevista em Libras – língua natural do grupo social surdos – e, posteriormente, as transcrevemos para o português escrito, respeitando a estrutura da língua usada na entrevista. As perguntas que compuseram a entrevista semiestruturada foram:

- 1) Fale-me sobre a sua vida. Até o momento, quais vitórias alcançadas e quais as barreiras vencidas?
- 2) Você acha que outras gerações de surdos e ouvintes contribuíram para algumas vitórias suas?

Como dissemos anteriormente, o discurso é organizado por meio de elementos linguísticos, mas atravessado por conhecimentos, crenças, ideologia, valores etc. Desta maneira, as estratégias linguísticas selecionadas na confecção do discurso podem descortinar as posições que os sujeitos assumem e como eles significam a realidade social que os circundam. Por isso, vamos observar os implícitos dentro dos discursos. Os enunciados têm graus diferentes de explicitude; dessa forma, algumas informações precisam ser inferidas a partir do enunciado. Focaremos nos pressupostos da enunciação e nas escolhas lexicais na tentativa de descortinar as RS que orientam a construção dos discursos.

3 Análises

Transcrição: entrevista 1

- 1) Passado crescer olhar faltar não ter Libras. Pessoas ouvintes Libras não ter. Porque eu família surdo, vovô surdo. Crescer Libras, todos falar. Família bom! Mas, fora geral sociedade (expressão de espanto)¹ Libras, estranho! Ouvinte não saber, falar

¹ Durante as transcrições das entrevistas para o português escrito, descrevemos algumas expressões faciais e corporais do participante. Fizemos isso porque as expressões - não manuais, isto é, expressões faciais e corporais são um dos cinco fonemas que compõem um sinal (Ferreira-Brito, 1995) e (Quadros & Karnopp, 2004).

com a boca (expressão de estranhamento). Eu perceber é barreira, todos (sociedade) barreira. Porque eu crescer comunicação tudo família, saber Libras, vovô surdo. Mas, perceber, na sociedade. Perguntar a família: ouvinte não saber Libras? Resposta: é, maioria saber muito pouco. Entender! Loja; supermercado e outros mostrar escrito. Eu perceber barreira, falta comunicação. Comunicação sociedade travar. Depois crescendo, depois ano 2022 lei tradução libras, bilinguismo no Brasil. Depois lutar contra as barreiras movimento surdo, movimento luta. Sociedade olhar importante. Libras crescer. Pessoas curso Libras. Eu comparar passado barreira, hoje já crescer, diminuir barreira. Eu sentir acessibilidade aumentar.

- 2) Minha opinião, importante o quê? Importante surdos e ouvintes. Por quê? Ouvinte Libras desenvolver, aumentar. Observar tem vários lugares, pode trabalhar advogado, pode trabalhar polícia, pode dirigir carro; ônibus; diferentes pode, pode, pode... Surdos não poder (expressão de descrença)? Por quê? Surdez problema? Hoje, não! Pode visual. Saber Libras, lê, bilinguismo. Surdo pode vencer, consegue. Pode profissão arquiteto; policial; advogado; juiz. Surdo estudar faculdade, ajuda futuro se formar. Precisa mostrar diploma, sociedade vê. Surdo confuso como? Não. Comunicação. Pode profissão, ter tradutor; aprender Libras. Por quê? Passado, eu achar surdo evoluir, formar computador diploma faculdade. Diploma consegue se formar. Distribuir diploma empresa. Lugares olhar ele trabalhar computador formado bom! Não precisa, melhor trabalhar básico, separado. Como (expressão de desaprovação)? Inferior? Não. Ele já ter diploma, formado. Igual ouvinte, vitória. Porque surdo já sofrer para se formar advogado. Não conseguir, barreira. Segundo Juiz; hospital. Surdo tem formação, mas barreira. Observar trabalho nada. Porque precisa sociedade lei. Precisa lutar contra barreira para igual ouvinte. Sociedade empresa ouvinte porque não saber comunicação surdo difícil. Não! Profissão formado, igual ouvinte. Precisar vitória lei, toda profissão precisa.

A análise foi baseada, principalmente, nos pressupostos:

Tabela 1- Pressupostos referentes à entrevista 1

Trecho do discurso	Pressuposto
“vovô surdo. Crescer libras”	1. Por conta de um parente, a família, independentemente se toda for formada por surdos ou por alguns membros ouvintes, sabia e usava a Libras nas interações familiares.
“Eu perceber é barreira [...] ouvinte não saber Libras? [...] loja, supermercado e outros mostrar escrito. Eu perceber barreira, falta comunicação”	2. Por conta do desconhecimento dos ouvintes sobre a Libras, os surdos eram impedidos de agir discursiva e, conseqüentemente, socialmente.
“sociedade comunicação travar”	3. Por conta da diferença linguística, há um bloqueio na interação entre surdos, falantes da Libras – uma língua gesto-visual, e

	ouvintes, falantes do português – uma língua oral.
“Pessoas curso Libras. Eu comparar passado barreira”	4. Uma vez que a barreira denunciada pelo entrevistado 1 era o desconhecimento de ouvintes em relação à Libras, as “pessoas” a quem o entrevistado faz referência é o próprio sujeito ouvinte. Isto é, a acessibilidade dos sujeitos surdos depende do conhecimento sobre a Libras da comunidade ouvinte.
“Surdos não poder (expressão de descrença)? Por quê? Surdez problema? Hoje, não!”	5. hoje, a surdez não é encarada como um problema – para a comunidade surda. Esse ponto de vista não se aplica aos conhecimentos (re)construídos pelo grupo dos ouvintes uma vez que o entrevistado denuncia a dificuldade de trabalho para os surdos, sendo empregadores ouvintes, “melhor trabalhar básico, separado” e “observar trabalho nada”.
“Passado, eu achar surdo evoluir, formar computador diploma faculdade”; “Porque surdo já sofrer para se formar advogado. Não conseguir, barreira. Segundo Juiz; hospital”	6. Por conta das barreiras impostas pela sociedade ouvinte, os surdos sofreram (e ainda sofrem) discriminação e não têm acesso a bens socialmente valorizados, como as seguintes profissões citadas: juiz e médico. No entanto, o entrevistado categoriza essa realidade como passado porque “Sabe Libras, lê, bilinguismo. Surdo pode vencer, consegue. Pode profissão [...]”. Mas a possibilidade de vitória não depende apenas do grupo dos surdos, mas também dos ouvintes, uma vez que o entrevistado deixa claro a marginalização desses sujeitos no mercado de trabalho por conta da RS que é compartilhada pelo outro, os ouvintes.

Inicialmente, o entrevistado 1 constrói seu discurso por meio de sua memória da infância e por meio da sua experiência familiar de interação, a comunicação era fluida porque todos sabiam Libras, inclusive “vovô surdo”. Como todos se comunicavam por meio da Libras, o entrevistado se posiciona: “família bom!”. No entanto, ao deparar-se com a sociedade, o entrevistado, conseqüentemente, depara-se com uma barreira; “[...] ouvinte não saber (expressão de estranhamento). Eu perceber é barreira [...] ouvinte não sabe Libras?”. Neste momento, o entrevistado denuncia uma barreira que se estende para toda atividade cotidiana, em outras palavras, os surdos são impossibilitados de agirem socialmente por conta

do desconhecimento da Libras; “loja, supermercado e outros mostrar escrito. Eu perceber barreira, falta comunicação”.

Especialmente, por meio do discurso construído, ao responder a segunda questão, o entrevistado (re)constrói a RS sobre o surdo alicerçada no elemento lutador ao referir-se a todas as lutas travadas pelo grupo para conseguir uma formação superior adequada e trabalho, “Surdo pode vencer, consegue. Pode profissão arquiteto; policial; advogado; juiz. Surdo estudar faculdade”. Além disso, a própria Libras, hoje, segundo a opinião do entrevistado, é mais difundida; “Ouvinte Libras desenvolver, aumentar”.

Uma das estratégias de (re)construção da RS sobre o surdo, que funciona igualmente como uma denúncia, é a RS sobre o surdo (re)construída pela alteridade, ou seja, o grupo dos ouvintes. Conforme o posicionamento do entrevistado 1, a RS sobre os surdos dos ouvintes ainda é ancorada no elemento da deficiência/ incapacidade; “Surdo confuso como?”. O entrevistado refere-se ao pensamento dos empregadores/ empresas: “melhor trabalhar básico, separado. Como (expressão de desaprovação)? Inferior?”. Isso ratifica que os ouvintes ainda ancoram a RS sobre o surdo nas categorias: deficiência; incapacidade; inferioridade. No entanto, para o grupo cujos membros são surdos, uma categoria central da RS sobre o surdo é lutador: “Ele já ter diploma, formado. Igual ouvinte, vitória”.

Transcrição: entrevista 2

- 1) Primeira pergunta, eu não conseguir responder porque muito diferente barreira. Vitória também muito diferente. Uiii! Vou escolher uma minha barreira vitória. Minha barreira é: ser reprovado projeto mestrado aqui (nome da instituição), lugar onde trabalho anos. Ter metodologia libras, mas triste não aprovado não. Barreira motivo o quê? Pessoas banca não conhecer libras também como união linha de pesquisa não ter próprio profundo, geral falar detalhar específico. Libras separado é pequeno libras barreira. Minha vitória o quê? Ser aprovado projeto mestrado, outro estado. Resposta lugar não tenho casa distante. Tentar projeto análise mostrar detalhado conseguir aprovar processo estudar lá (nome da instituição). Eu sentir conseguir como orientador libras estudar libras. Ter tradutor participação acessibilidade lá. Aqui não (nome da instituição) lugar eu trabalho anos já faz 10 anos. Barreira. Triste.
- 2) Sim, ajuda motivar pessoa acreditar. Então tentar exemplo. Outro conseguir certo. Então dedos cruzados o quê? Mostrar ter movimento. Luta já terminou? Não,

continuar. Querer tudo pessoas olhando igual linguística. Vida igual, não olha motivo surdo ou libras (cara de desprezo) não ter.

A análise foi baseada, principalmente, nos pressupostos:

Tabela 2 - Pressupostos referentes à entrevista 2

Trecho do discurso	Pressuposto
“ser reprovado projeto mestrado [...] motivo o quê? Pessoas banca não conhecer libras”.	7. Os surdos sofrem rejeição, na esfera acadêmica e, de maneira mais ampla, na esfera social, porque os ouvintes desconhecem a Libras.
“linha de pesquisa não ter próprio profundo, geral falar detalhar específico. Libras separado é pequeno libras barreira”.	8. Há uma separação entre a Libras e uma outra língua, no caso a língua hegemônica, isto é, o português. A segregação linguística é uma mostra da segregação entre surdo e ouvintes, sendo os surdos excluídos na esfera acadêmica, por serem uma minoria linguística, e de forma mais ampla; na esfera social.
“Eu sentir conseguir como orientador libras estudar libras”.	9. O entrevistado foi reprovado porque a banca desconhecia a Libras, mas foi aprovado porque seu orientador conhece e estuda a Libras. Isto é, as barreiras e vitórias dos surdos estão relacionadas com o conhecimento ou desconhecimento da Libras pela comunidade ouvinte.
“Querer tudo pessoas olhando igual linguística. Vida igual”.	10. Seu desejo é que, no futuro, a Libras seja valorizada assim como é o português e, conseqüentemente, os surdos tenham as mesmas oportunidades que os ouvintes, isso significa dizer que hoje a realidade não é assim, a Libras ainda é desvalorizada e os surdos não têm as mesmas oportunidades que os ouvintes.

Para responder sobre as suas vitórias e derrotas, o entrevistado 2 faz uma comparação entre duas instituições, a primeira não possui acessibilidade apesar da professora surda já trabalhar nela há mais de dez anos e a segunda possui acessibilidade, conta com tradutores e professores que estudam a Libras.

O entrevistado narra que uma das suas barreiras enfrentadas foi a sua reprovação na banca do mestrado. Ele se justifica: “pessoas banca não conhecer libras também como união linha de pesquisa ter não próprio profundo”. Segundo o entrevistado, dois motivos explicam a sua reprovação: o desconhecimento da banca sobre a Libras e a falta de linha

de pesquisa sobre a Libras dentro do programa de pós graduação da referida instituição. No entanto, o seu discurso deixa claro a marginalização dos estudos referentes à surdez dentro da instituição, “separado é pequeno libras”. O entrevistado 2, no seu discurso, aponta que os estudos referentes à língua oral gozam de mais espaço dentro da instituição, “geral falar detalhar específico”, enquanto que o estudo sobre a surdez é “separado”.

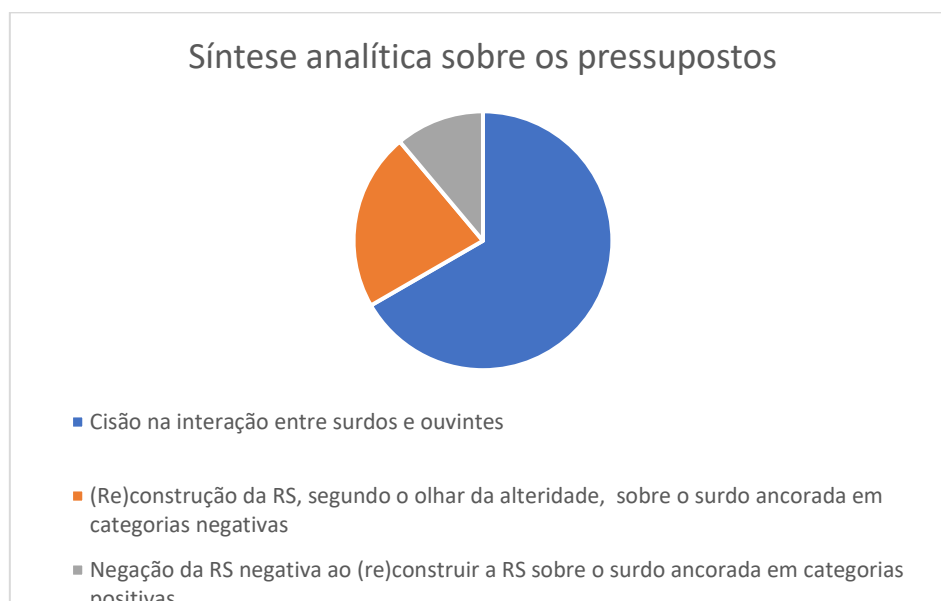
O discurso do entrevistado 2 indica uma contraposição entre os estudos referentes à língua oral versus os estudos referentes à língua sinalizada. Mas, mais do que isso, sinaliza também uma contraposição entre surdos versus ouvintes, entre o Eu e a alteridade. O entrevistado denuncia a marginalidade dos estudos referentes à Libras e, conseqüentemente, a marginalidade dos surdos dentro da instituição. Nota-se, nesse contraste, uma clara detenção de poder da língua oral e, conseqüentemente, dos ouvintes.

Na segunda pergunta, o entrevistado resgata a memória histórica de movimentos surdos e afirma que a luta continua. Seu anseio diz respeito à igualdade entre os estudos linguísticos referentes à língua sinalizada e à oral. Além disso, deseja também “vida igual”, isto é, deseja que o surdo deixe de ser visto com desprezo pela sociedade ouvinte e que haja igualdade no acesso de surdos e ouvintes aos recursos socialmente valorizados.

Podemos concluir que o discurso do entrevistado denuncia o desconhecimento e desvalorização da Libras, enquanto o português goza de prestígio. Por isso, os surdos não têm as mesmas oportunidades que os ouvintes. Os recursos socialmente valorizados são, conseqüentemente, reservados para os ouvintes tanto na esfera acadêmica como, de forma mais ampla, na esfera social como um todo. Além disso, ao referir-se aos surdos, o entrevistado seleciona os léxicos relacionados a “movimento”, “luta”, “vitória também muito”, (re)constrindo, portanto, uma RS sobre o surdo ancorada na noção de batalha.

Levando em consideração as entrevistas que servem como *corpus* para o artigo, observe:

Gráfico 1- síntese analítica dos pressupostos:



Há, recorrentemente, em ambas as entrevistas, a alusão a barreiras sociais erguidas por conta do desconhecimento linguístico da Libras pelo grupo social ouvinte. O entrevistado 1 afirma que a interação familiar fluía porque todos sabiam Libras e, por isso, interagiam sem quaisquer dificuldades (pressuposto 1). No entanto, isso muda dentro da sociedade, onde a maioria é ouvinte e desconhece a língua de sinais brasileira (pressuposto 2). Esse desconhecimento é, por isso, razão para cisão entre o Eu X Outro e, conseqüentemente, há também uma cisão entre o endogrupo, isto é, os surdos, e a realidade social (pressuposto 2 e 3). Portanto a RS (re)construída sobre o surdo é perpassada pela relação com a alteridade, especialmente no que diz respeito à diferença linguística, ou seja, é perpassada pela relação entre a Libras X o português e entre o surdo X o ouvinte (pressupostos 1, 2, 3, 4, 7, 8 e 9).

A entrevista 2 também ressalta que as barreiras enfrentadas pelos surdos têm a ver com o desconhecimento sobre a Libras em todas as esferas sociais, incluindo a academia (pressuposto 7). Mesmo na universidade há uma marginalização da Libras e, conseqüentemente, do seu falante, o surdo (pressuposto 8). Suas vitórias – ser aprovada na seleção mestrado – e suas derrotas – ser reprovada na seleção do mestrado – estão relacionadas à acessibilidade (pressupostos 9, 10), em outras palavras, têm ligação com a interação entre o endogrupo, surdos, e o exogrupo, ouvintes.

A (re)construção da RS negativa, segundo o olhar da alteridade, é ancorada pela categoria “inferior” (pressuposto 5). Essa denúncia serve como base para combater o discurso discriminatório e (re)construir uma RS positiva sobre o surdo. O entrevistado 1 usa essa estratégia discursiva ao questionar se os surdos não podem ocupar espaços sociais valorizados, como médicos e juízes. Desta forma ele nega a RS negativa sobre o surdo ao defender que, hoje, assim como o ouvinte, o surdo possui formação superior e uma língua viso-espacial.

O entrevistado 2, por meio do seu anseio, expõe a desigualdade entre surdos e ouvintes no acesso a bens socialmente valorizados. Existe uma diferença valorativa entre a Libras e o português. O poder hegemônico ainda está concentrado nas mãos dos ouvintes enquanto os surdos não gozam das mesmas oportunidades. Podemos observar, portanto, que a (re)construção da RS sobre o surdo é perpassada constantemente pelo olhar da alteridade, na relação sujeito-sujeito, tanto no que diz respeito à relação surdos X ouvintes quanto no que diz respeito à Libras X português.

Considerações finais

A representação é um elemento de dupla natureza, social e cognitivo, que medeia a relação entre sujeito-sujeito e sujeito- mundo. Ela ao mesmo tempo que emerge da/ na interação, a torna possível. Além disso, a RS, enquanto um amálgama de diversos conhecimentos – conhecimentos socialmente compartilhados, experiências pessoais etc. –, atribui sentido à realidade pertencente ao Eu e ao Outro.

Analisamos os pressupostos que auxiliam a (re)construção da RS sobre o surdo no discurso da própria comunidade. Observamos três estratégias discursivas recorrentes: 1) cisão na interação surdos e ouvintes; 2) (re)construção da RS, segundo o olhar da alteridade, ancorada em categorias negativas e 3) negação da RS negativa ao (re)construir a RS sobre o surdo ancorada em categorias positivas. A RS sobre o surdo é constantemente atravessada pela alteridade, os surdos apontam a dificuldade de interação e desconhecimento sobre a Libras como a maior barreira para agirem socialmente. A contraposição entre a Libras e o português serve de estratégia para exigir acessibilidade e denunciar uma realidade discriminatória naturalizada. A segunda e a terceira estratégia têm como objetivo primeiro (re)construir uma RS sobre o surdo ancorada em categorias

Bakhtiniana, São Paulo, 20 (2): e67854p, abril/jun. 2025

positivas, como “surdo pode vencer” (entrevista 1), ou negar a RS negativa (re)construída por meio do olhar do outro, como “inferior” (entrevista 1) ou “surdo confuso como?” (entrevista 1). As entrevistas ancoram a categoria lutador tanto para cumprir a negação da RS (re)construída pela alteridade como para ratificar a RS positiva sobre o grupo.

No entanto, o outro, o ouvinte, atravessa as três estratégias discursivas supracitadas, uma vez que elas são perpassadas por categorias que delimitam o endogrupo e o exogrupo, seja por diferenças linguísticas (Libras X português), ou seja na diferença de detenção de poder social, marcada pela constante peleja do grupo por acesso a bens socialmente valorizados independentemente da esfera social e pela denúncia a práticas sociais discriminatórias naturalizadas.

O estudo da RS sobre o surdo dentro do discurso ainda é um campo incipiente, sendo preciso maior aprofundamento no que diz respeito aos processos cognitivos e sociais que circundam posições perniciosas sobre o grupo em questão. Esse artigo é um passo para descortiná-las.

REFERÊNCIAS

FERREIRA-BRITO, Lucinda. *Por uma gramática de língua de sinais*. Tempo Brasileiro UFRJ. Rio de Janeiro, 1995.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Psicologia Social, saber, comunidade e cultura. *Psicologia & Sociedade*, v. 16, n. 2, ago. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/TbQqQMLs9D5jQ5CRGzZQNSK/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 6 maio. 2024.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Vivendo a vida dos outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: GUARESCHI, Pedrinho Arcides; JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs.). *Textos em representações sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013a. pp. 53- 72.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Sociabilidades subterrâneas: identidade, cultura e resistência em favelas do Rio de Janeiro/Brasília: UNESCO, 2013b.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Representações sociais e polifasia cognitiva: notas sobre a pluralidade e sabedoria da razão. In: ALMEIDA, Angela Maria de Oliveira; SANTOS, Maria de Fátima Souza; TRINDADE, Zeide Araújo (orgs.). *Teoria das representações sociais: 50 anos*. Brasília, Technopolitik, 2014. p 159-178.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Uma abordagem sociogenética do Núcleo Central das Representações Sociais: o caso da esfera pública brasileira. *Revista de Educação Pública*, v. 29, n. jan/dez, 2020. DOI: [10.29286/rep.v29ijan/dez.10485](https://doi.org/10.29286/rep.v29ijan/dez.10485). Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/10485>. Acesso em: 06 mai. 2024.

Bakhtiniana, São Paulo, 20 (2): e67854p, abril/jun. 2025

LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MOSCOVICI, Serge. *A psicanálise, sua imagem e seu público*. Tradução Sonia Fuhrmann. Petrópolis. RJ: Vozes, 2012.

QUADROS, Ronice Müller; KARNOPP, Lodenir Becker. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

VAN DIJK, Teun Adrianus. *Discurso e poder*. Tradução Judith Hoffnagel e Karina Falcone, São Paulo: contexto, 2008.

VAN DIJK, Teun Adrianus. Discurso e cognição na sociedade. Tradução de Leonardo Mozdzenski. *Revista Portuguesa de humanidades/ Estudos linguísticos*. v. 19, n. 1, pp. 19-52, 2015. Disponível em: https://www.academia.edu/39022845/Discurso_e_cogni%C3%A7%C3%A3o_na_sociedade. Acesso em: 09 set. 2022.

VAN DIJK, Teun Adrianus. Discurso-cognição-sociedade: estado atual e perspectivas da abordagem sociocognitiva do discurso. Tradução Pedro Theobald. *Revista Letrônica*. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, v. 9, n. esp. (supl.), pp. 8-29, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.15448/1984-4301.2016.s.23189>. Acesso em: 10 out. 2022.

Recebido em 06/08/2024

Aprovado em 21/03/2025

Declaração de disponibilidade de conteúdo

Os conteúdos subjacentes ao texto da pesquisa estão contidos no manuscrito.

Pareceres

Tendo em vista o compromisso assumido por *Bakhtiniana*. Revista de Estudos do Discurso com a Ciência Aberta, a revista publica somente os pareceres autorizados por todas as partes envolvidas.

Parecer I

É um estudo inovador na área da Teoria da Representação Social e contribui para a área da educação inclusiva e da psicologia social. O artigo traz questões relevantes para a educação inclusiva. O texto é bem fundamentado tanto nos conceitos da Teoria das Representações Sociais quanto na área da educação bilíngue para surdos. Envio em anexo algumas sugestões de modificações para melhorar a qualidade do texto e a clareza do conteúdo. Sugiro que a tradução escrita da Libras para a Língua Portuguesa dos trechos

Bakhtiniana, São Paulo, 20 (2): e67854p, abril/jun. 2025

analisados sejam realizadas de acordo com as normas técnicas de tradução. APROVADO COM RESTRIÇÕES [Revisado]

Mariana Gonçalves Ferreira De Castro – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-0849-2105>; marianagfcastro@gmail.com

Parecer emitido em 27 de agosto de 2024.

Parecer II

Somos de parecer favorável à publicação do texto, com alguns ajustes necessários. Destacamos que tanto a temática quanto os objetivos do texto são importantes, visto que a área de “Estudos Surdos” ainda é recente no país. A abordagem adotada a partir da perspectiva da Representação Social, articulada com a perspectiva de discurso de Van Dijk apresenta-se muito produtiva no texto. Sugerimos alguns ajustes que se encontram no corpo do artigo que enviamos em anexo. APROVADO COM RESTRIÇÕES [Revisado]

Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante – Universidade Federal da Paraíba – UFPB – João Pessoa, Paraíba, Brasil; <https://orcid.org/0000-0003-1409-7475>; marianne.cavalcante@gmail.com

Parecer emitido em 11 de outubro de 2024.

Parecer III

As sugestões do parecer foram atendidas. Somos de parecer favorável à publicação. APROVADO

Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante – Universidade Federal da Paraíba – UFPB – João Pessoa, Paraíba, Brasil; <https://orcid.org/0000-0003-1409-7475>; marianne.cavalcante@gmail.com

Parecer emitido em 04 de novembro de 2024.

Editores responsáveis

Adriana Pucci Penteado de Faria e Silva
Beth Brait
Bruna Lopes
Maria Helena Cruz Pistori
Paulo Rogério Stella
Regina Godinho de Alcântara